https://doi.org/10.20336/rbs.1262

João Cabral de Melo Neto e a denúncia da desigualdade

João Cabral de Melo Neto and his indictment of inequality

João Cabral de Melo Neto y su denuncia de la desigualdad

Elide Rugai Bastos[*]

RESUMO

Este texto busca mostrar como diferentes fases da socialização de João Cabral de Melo Neto operaram em direção do aprendizado da igualdade, que se expressa em várias de suas obras voltadas à denúncia da desigualdade. Em sociologia, a tese da socialização, abordada por muitos autores, constitui-se em um primeiro passo para explicar a aprendizagem social, razão pela qual abordo algumas formulações sobre esse tema, mostrando como a perspectiva individual articula-se ao plano coletivo, embora deixe de lado o fazer-se da sociedade.

Palavras-chave: João Cabral, Nordeste, aprendizado social, pensamento social.

[*] Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
Doutora em Ciências Sociais (PUC-SP, 1985), livre-docente em pensamento social pela Unicamp, onde é professora titular.

ABSTRACT

In this text I seek to show how different stages in the socialization of João Cabral de Melo Neto acted toward the learning of equality, which is expressed in several of his works devoted to denouncing inequality. In sociology, the thesis of socialization, addressed by many authors, constitutes a first step toward explaining social learning. Hence, I discuss some formulations on this topic, showing how the individual perspective connects with the collective sphere, although leaving aside the evolvement of society.

Keywords: João Cabral, Northeastern Brazil, social learning, social thought.

RESUMEN

Este texto busca mostrar cómo las distintas fases de la socialización de João Cabral de Melo Neto favorecieron el aprendizaje de la igualdad, expresado en varias de sus obras que denuncian la desigualdad. En sociología, la tesis de la socialización, abordada por numerosos autores, constituye un primer paso para explicar el aprendizaje social. Por ello, analizo algunas formulaciones sobre este tema, mostrando cómo la perspectiva individual se articula con el plano colectivo, aunque sin considerar la construcción de la sociedad.

Palabras clave: João Cabral, Noreste brasileño, aprendizaje social, pensamiento social.

I. Relação aprendizagem social – socialização

A preocupação com o aprendizado social[1] na sociologia, nas últimas três décadas, tem características diferentes dos debates anteriores, no sentido de o eixo articulador centrar-se, então, no peso que a sociedade, especialmente via linguagem, operava sobre o indivíduo. Nos últimos anos, várias indagações dirigem-se ao fazer-se da sociedade, destacando o caráter narrativo do processo.[2] Sem dúvida, tal procedimento não apaga o papel desempenhado por aquelas reflexões, mas o empenho presente tem relação com as transformações recentes das formas de comunicação que apontam a aceleração das mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais às quais a sociedade é desafiada a colocar-se *a giorno*. A mudança nas formas de comunicação face a face, a partir dos novos meios de comunicação – que forçam a redefinição de como se constitui a opinião pública, com a constância de *fake news* e a forte presença de influenciadores – repõe a importância da reflexão sobre o aprendizado social.

Naqueles estudos anteriores, as formas de socialização, de modo amplo, tornaram-se eixo das análises. Vários caminhos foram buscados: a sociologia do conhecimento, como em Max Scheler e Karl Mannheim; a fenomenologia/sociologia fenomenológica, como em Edmund Husserl e Alfred Schutz; ou a psicologia social, especialmente com Georg Mead. Evidentemente são apenas alguns exemplos uma vez que, direta ou indiretamente, o tema da socialização é desenvolvido por muitos autores, como Simmel, Parsons, Merton, Wright Mills. Nessas diferentes formulações a questão da interação social centraliza as análises sobre o processo de socialização.

No entanto, desde os primeiros passos de sistematização da sociologia essa preocupação se impõe. Tomo como exemplo Durkheim e ressalto que esse tema aparece de modo importante em sua obra do século XX. Creio ser possível dizer que as preocupações do autor francês se alinham com o interesse geral dos intelectuais e artistas das décadas anteriores à primeira guerra mundial.[3] A última década do século XIX é marcada pela grande

---

[1] A utilização do termo *aprendizado* em lugar de *aprendizagem* já é significativa de preocupação não individualista, mas reportada à formação da sociedade.

[2] Por essa razão o retorno à reflexividade e a recuperação das várias tendências do pensamento social.

[3] Refiro-me a autores e artistas de alguns países da Europa Ocidental devido aos limites de meu conhecimento linguístico e histórico, circunscrito ainda pela maior divulgação no Brasil desses autores.

transformação que os leva a críticas à "velha sociedade" e à busca da compreensão dos caminhos da modernização que se impõe. Como lembra Stuart Hughes (1972),

> [n]a geração que precedeu à primeira guerra mundial os pensadores compartilhavam uma ampla experiência de *malaise* psicológico: a sensação de uma destruição iminente de velhos costumes e instituições sociais que já não se adequavam à realidade social (Hughes, 1972, p.11, tradução minha).

Essa preocupação explicita-se nas obras que avançam até a terceira década do século XX, o que os impele a indagar sobre o perfil da nova sociedade que se edifica.

Esse cenário atinge a sociologia, trazendo reflexões importantes sobre sociedade/cultura no início do mil e novecentos. Tomo como exemplo a mudança de direção da obra de Durkheim dos anos 1900, em especial *As formas elementares da vida religiosa*, de 1912, diferenciada daquelas preocupações dos anos 1890, presentes em *Da divisão do trabalho social* (1883/2019), *As regras do método sociológico* (1895/1984) e *O suicídio* (1897/1977). Naquele livro, o sociólogo francês aborda as formas de representação[4] produzidas sobre o mundo e ressalta o papel das religiões nesse processo. Porém, a formulação não se refere apenas às religiões, mas amplia-se a toda a área do conhecimento.[5] Mais do que isso, Durkheim aborda o processo de institucionalização como importante na regulação dos comportamentos sociais.

Essas representações sobre o mundo mostram interpretações cosmológicas que têm caráter coletivo e que indicam "visões" sobre a realidade compartilhada, por isso são produtos sociais. Elege para análise as noções de tempo e de espaço, mostrando sua referência histórica, portanto, social. Aponta as abordagens tradicionais da teoria do conhecimento: de um lado, aquelas que afirmam serem as categorias logicamente anteriores

[4] É importante assinalar a ênfase na qualidade coletiva das representações sobre a sociedade. Mais ainda, o autor mostra que não se trata de "descrição da realidade", mas da forma social de a representar. Portanto, é a construção de uma visão que envolve a cosmogonia e não uma definição dessa realidade.

[5] A discussão sobre a questão do conhecimento no início do século vinte foi decisiva para as formulações sociológicas. Os debates sobre o livro de Edmund Husserl (2014), *Investigações lógicas*, com o primeiro volume publicado em 1901 e o segundo em 1902, trouxeram o tema para as ciências sociais, em especial para a sociologia, cujos autores, a partir de então, passaram a formular as definições e o âmbito da sociologia do conhecimento.

à experiência, imanentes ao espírito humano; de outro, ao contrário, seriam construídas pelos indivíduos a partir de elementos que se somam. *A priori* e *a posteriori*. Mostrando os limites das duas formulações, Durkheim sugere que "se admitirmos a origem social das categorias, uma nova atitude torna-se possível, atitude que permitiria escapar a essas definições contraditórias (Durkheim, 1912/1996, p. 20). Lembra que a sociedade tem características próprias e "as representações que a exprimem têm, portanto, um conteúdo completamente distinto das representações individuais" (p. 20). Mais, afirma que mesmo as noções de contradição ou de identidade se alteram com o desenrolar temporal da sociedade.

Assim, demonstra que, ao apontar a origem social das categorias, supera-se tanto as posições apriorísticas como aquelas que afirmam a prioridade dos conhecimentos empíricos. Nesse sentido,

> [o] homem é duplo. Há dois seres nele: um ser individual, que tem base no organismo e cujo círculo de ação se acha, por isso mesmo, estreitamente limitado, e um ser social, que representa em nós a mais elevada realidade, na ordem moral que podemos conhecer pela observação, quero dizer, a sociedade (Durkheim, 1996, p. 21).

Note-se que, embora Durkheim aponte a existência de duas situações articuladas, não acentua a presença de dois processos sociais bastante diferenciados, nos quais o segundo pressupõe a condição de *desaprendizado* individual, o questionamento da naturalização tanto dos fenômenos como dos conflitos. No entanto, aponta o caráter moral da naturalização. Em artigo de 1906, mostra o caminho a ser tomado na obra de 1912.

> Mostraremos que as regras morais estão investidas de uma autoridade especial, em virtude da qual são obedecidas pelo fato de se imporem. Encontraremos, assim, ainda que por meio de uma análise puramente empírica, a noção de dever. [...] A obrigação constitui, pois, uma das principais características da regra moral (Durkheim, 1906/2002, p. 4-5)

Essa dimensão afasta a intenção de pensar o aprendizado social não como soma de experiências individuais, embora compartilhadas, ou seja, a relação conhecimento/fazer-se da sociedade. Tal condicionamento, veremos mais adiante, será alterado quando a sociologia passar a priorizar a mudança

social como um processo cotidiano, o que será alcançado posteriormente, levantando o problema, mas sem alterar o hiato presente na explicação.

No final do século XIX e início do século XX, a sociedade europeia assume novo perfil pois o povo ocupa novos espaços que questionam os lugares anteriormente predefinidos. Por exemplo, obras de pintores impressionistas e pós-impressionistas mostram os novos atores que ocupam o espaço público, fixando momentos casuais da população: Monet, em *Os banhistas de Grenouillière*; Degas, em *Place de la Concorde*; Renoir, em *O baile no Moulin de la Galette*; Toulouse-Lautrec em *O circo Fernando* ou em *Baile no Moulin Rouge*, só para citar alguns exemplos.

Escritores também apontam essas mudanças. Nesse período, por exemplo, temos André Gide, que apresenta visão crítica da sociedade e dos comportamentos individuais e coletivos.[6] Posteriormente, mas relembrando a mesma situação, Thomas Mann reconstrói, em *A montanha mágica* (1924/2016), os dilemas enfrentados pela população europeia no decênio anterior à primeira guerra mundial, numa indagação sobre o destino do continente que enfrenta as crises da crescente modernização.[7] O autor recupera, por meio dos personagens Settembrini e Naphta, correntes de pensamento que se digladiavam na Europa. Hans Castrop, personagem central em formação, diante desses opostos não assume inteiramente nenhuma das duas posições. O centro de suas reflexões são as ideias desses intelectuais e, ao longo de seu aprendizado percebe que, à primeira vista, teria rotulado o primeiro como iluminista/humanista e o segundo como totalitário. Com o desenrolar do tempo, reconhece sua visão naturalizada das duas posições ideológicas e passa a considerar as nuances dessas propostas. Também, mostra como o comportamento dos doentes do sanatório em que se encontra reflete aspectos daquelas posições e, paulatinamente, percebe que princípios formulados devem ser contrapostos à situação concreta. Teoria e prática. Reconhece que o debate expressa uma crise que aponta a ruptura sociopolítica, o que se efetiva com a guerra. Quando questiona sua própria socialização, ou a forma naturalizada pela qual vê a sociedade, Hans passa, no isolamento da montanha que lhe

[6] Arriscaria dizer, mostra como o meio condiciona o comportamento.

[7] Possivelmente o melhor termo seria modernidade, pois o período torna sensível a questão emancipatória e novos atores sociopolíticos figuram na sociedade. De todo modo, a ênfase sobre a questão da liberdade e não da igualdade ralenta o processo.

permite a desnaturalização dos valores anteriores, sua substituição por um reaprendizado sobre o mundo que o cerca. Socialização e ressocialização. Assim, assume sua participação no processo alistando-se para o combate. O destino que o espera permanece aberto.

Thomas Mann alterará essas possibilidades abertas, ainda indefinidas, com a profunda reflexão e total desencantamento em *Doutor Fausto* (1947/1984), no qual traça a situação da Alemanha nazista que ganha sua mais forte expressão na segunda guerra mundial. Essa reflexão lhe permite apontar a combinação entre o governo totalitário e a aceitação tácita da sociedade alemã, que admitira passivamente a barbárie.[8]

Também nas primeiras décadas do século XX, George Herbert Mead, de Chicago, desenvolve reflexões sobre a teoria da socialização discutindo a construção do *self*. Sua ampla e importante obra servirá de fundamento, direta ou indiretamente, a várias análises filosóficas e sociológicas, como de Talcott Parsons, Robert Merton, Alfred Schütz, Jürgen Habermas. Neste breve texto, ficarei apenas em algumas considerações de sua abordagem do processo de socialização como fundamento da construção da *persona*.

Em alusão muito simplificada, lembro que Mead (1934/1967) apoia-se na proposta aristotélica de mudança – passagem da potência para o ato – como fundamento de sua explicação sobre a socialização. Assim, a passagem a partir das potencialidades inatas do indivíduo e para a constituição do *self* é mediada pela sociedade, via pela qual aprende e interioriza normas e comportamentos que o integram a ela – resultado dos diferentes momentos do processo socializador. De forma geral, apreende os papéis sociais a serem desempenhados por todos na sociedade. Essa é a forma de aquisição de conhecimento social, é o processo que transforma o ser biológico humano em um ser social.[9]

Trata-se de um duplo movimento, pois, se o indivíduo se torna pessoa (*persona*) via sociedade, a própria sociedade é produto da interação entre os indivíduos. Esse interacionismo se dá a partir da utilização de símbolos, gestos e linguagem. Em outros termos, o *self* se constrói nas relações sociais,

[8] Em texto em que analisa a produção de Thomas Mann, Lukács sugere que essa aceitação pela população se deva à ausência de claros projetos alternativos ao nazismo. Lembro que, pessoalmente, o autor alemão se recusou, após o final da guerra, a voltar a residir na Alemanha, pois "não perdoou" a aceitação, dada pela sociedade alemã, à discriminação genocida dos judeus, ciganos, homossexuais, artistas e intelectuais críticos ao regime.

[9] Da mesma forma Charles Cooley (1902) observa que o *self* é sempre um *self* social, um *self que se olha no espelho*,

a partir de significados compartilhados, via jogos e outros desempenhos, assumindo-se o papel do outro como é definido pela sociedade. A proposta de "o outro generalizado", fundada na definição social de papéis, constitui-se no fundamento de internalização das normas, valores.

Como já indicamos, a ênfase sobre a socialização, passo importante para o desenvolvimento da sociologia, centra-se no indivíduo e não no fazer-se da sociedade. Vale lembrar a importante restrição à análise de Mead que, ao articular gesto e linguagem, não levanta a questão da ação comunicativa, feita por Habernas. Este, em livro escrito em 1981, enfatiza esse aspecto, ao mesmo tempo que incorpora alguns princípios da proposta do filósofo social americano e mostra seu limite em relação ao processo de incorporação coletiva, ou seja, não discutindo as diferentes formas que levariam a um aprendizado social. "*Self* e Sociedade são as rubricas sob as quais Mead estuda a construção do mundo social e do mundo objetivo, complementares entre si." Para tanto, "a linguagem atua como meio, não do entendimento e transmissão de saber cultural, mas de socialização e de integração social." (Habermas, 1987, vol. II, p. 40)

Mais importante, porque abriria algumas possibilidades que permitiriam colocar como objetivo a análise do fazer-se da sociedade, o autor lembra como são pensadas por Mead as formas de controle social. Mostra que, ao dar centralidade ao papel do outro, o autor americano autoriza os membros de um determinado grupo não somente a esperar determinadas ações uns dos outros, como também a *obrigar* a cumpri-las. Assim, supõe as ações de um adulto socializado, que exerce seu direito de agir ancorado tanto na internalização das sanções que exerceriam sobre si como na internalização do poder que o grupo social pode exercer. Assinala que a generalização social dos padrões de comportamento se converte em arbítrio generalizado, um consenso normativo dos membros do grupo, um reforço à tradição.[10] Ou seja, a validade das normas é derivada de uma autoridade liberada de sanção. Da autoridade moral do "outro generalizado". O autor alemão mostra que Mead não opera com a evolução da linguagem, uma vez que esquece o potencial da racionalidade admitida pela ação comunicativa. Isto é, não aborda a validade normativa das instituições. Assim, mostra que a própria noção de sociedade que funda a interpretação de Mead é extremamente restrita.

[10] A meu ver, a visão de Mead sugere a autorregulação da sociedade, proposta afim à concepção de comunidade e não de sociedade.

Habermas, embora avance em termos de crítica ao uso da linguagem, ao fixar-se na ação comunicativa, restringe seu alcance a uma teoria individualista da ação, como aponta Klaus Eder (2001), mostrando como conceitualiza o processo de aprendizado.

> Não em termos de uma teoria da ação social, mas da interação social, não de sujeitos competentes, mas de formas de subjetividade que evoluem, não em termos de intenções [...]. [Ou seja], [...] as relações sociais têm que ser reorganizadas para abrir espaços de comunicação que possibilitem a criação de novas formas de conhecimento ou a reconstrução de velhas formas de conhecimento. Nesse processo, as relações sociais são elas mesmas redefinidas (Eder, 2001, pp.10 e 25).

Essa crítica coloca a questão do aprendizado social em outro patamar, o que discutiremos mais adiante.

Considero muito importante para a reflexão sociológica a formulação de Mannheim que busca estudar o pensamento como ação coletiva e seu funcionamento na vida pública e na política. Mais ainda, a afirmação de serem os modos de conhecimento só compreendidos quando os relacionamos com suas origens sociais. Para esse autor,

> a sociologia do conhecimento procura compreender o pensamento dentro da moldura concreta de uma situação histórico-social [...] não são os homens em geral que pensam, nem mesmo os indivíduos isolados, mas os homens dentro de certos grupos que elaboram um estilo peculiar de pensamento graças a uma série interminável de reações e certas situações típicas, características de sua posição comum (Mannheim, 1972, p. 31).

Mannheim abriu espaço a que se pense, de ângulo diferente das formulações descritas acima, a aprendizagem social. Embora estimulante, sua proposta não se apoia na tese da socialização, objetivo deste texto, o que me libera da abordagem de sua obra, em especial *Ideologia e utopia*.

A fenomenologia

A proposição sobre sociologia do conhecimento, tanto na formulação de Edmund Husserl como na sociologia fenomenológica de Alfred Schütz, buscou superar a visão que aporta uma única base para o aprendizado/conhecimento, mostrando que o lugar do indivíduo na sociedade define sua visão. O primeiro propõe o modo fenomenológico de observação dos objetos e mostra como os constituímos. Trata-se da afirmação de que objeto e sujeito do conhecimento devem ser pensados conjuntamente. Ou seja, o objeto está sempre localizado no mundo específico do sujeito que conhece, vivencia e o julga conforme seus valores. Assim, a metodologia fenomenológica permitiria a superação de uma visão ingênua do mundo, a visão naturalizada.

Evidentemente, trata-se de um grande avanço para a reflexão sobre a formulação sobre o conhecimento, mas essas formulações sofreram vários reparos de diferentes autores que apontavam o caráter idealista da proposição, tanto a centralização na consciência como seu aporte descritivo. Um dos principais críticos desse aspecto é Merleau-Ponty (1999), que propõe a importância da percepção pré-reflexiva, a prevalência dos fatos sobre a consciência. Trata-se de mostrar como o mundo sensível se impõe, o corpo – a existência – torna-se veículo do conhecimento, pois o sujeito do conhecimento está localizado no mundo. Assim, aponta os limites da superação da naturalização (a redução fenomenológica husserliana). Percebe-se, aqui, como o existencialismo, preconizado por autores europeus, se constitui fundamento para várias abordagens da sociologia na segunda metade do século XX.

Os aspectos mais explorados pela sociologia, a partir de então, são a relação corpo/espaço/tempo, invocando os elementos que pesam na configuração do conhecimento. Exemplifico: as diferentes situações que condicionam o sujeito – biológica, econômica, social, política, cultural, territorial, étnica, de gênero – configuram o conhecimento (especificamente a representação do objeto, do fato) e limitam sua possibilidade de percepção. É como se o sujeito estivesse diante de um prisma e seu lugar pré-reflexivo só permitisse que a luz incidisse em uma de suas faces, o que enfatiza apenas um aspecto da percepção definida por aqueles *apriori* do conhecimento. Merleau-Ponty (1999) trabalha prioritariamente com o aspecto existencial da percepção, proposta que se torna importante para o debate sociológico que passará, através de outros autores, a fixar-se no cotidiano dos sujeitos.

A sociologia fenomenológica de Alfred Schütz propõe ser o conhecimento construído a partir do senso comum. Ao sociólogo caberia a organização dos dados subjetivos descrevendo o vivido e buscando sua significação. A entrevista e a história de vida permitiriam obter as descrições dessas experiências. Assim, seria dado o primeiro passo para a análise das ações humanas e, ainda, a captação da forma pela qual se processa o conhecimento do mundo. Seus discípulos Peter Berger e Thomas Luckmann, no livro *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*, discutem os princípios de sua argumentação, buscando articular objetividade/subjetividade.[11]

Esses autores afirmam a centralidade da sociologia do conhecimento na teoria sociológica, lamentando o descaso que essa área sofreu nos estudos da área.[12] Afirmam que se trata da relação do pensamento humano com o contexto social – portanto, reconhecem a presença da determinação existencial. Seus pressupostos para explicar a interiorização social estão apoiados na formulação de Mead. Assim, buscam articular os planos subjetivo/objetivo, indagando: "como é possível que significados subjetivos se *tornem* facticidades objetivas?" (Berger & Luckmann, 1973, p. 34).

Mostram que essa determinação existencial condiciona tanto a percepção da realidade como o conhecimento. Esse relativismo na apreensão do objeto/fato se dá por ser o sujeito do conhecimento localizado existencialmente. Certamente é um ponto de partida importante para a análise sociológica, que os autores expressam pela intenção de demonstrar que a "realidade", que ao longo do texto apresentam entre aspas, é construída socialmente. No entanto, deixam à margem a noção de *representação*, que funda ótica importante na análise de "configuração da realidade"; ademais, a passagem do conhecimento individual à dimensão do conhecimento da sociedade não se define em sua abordagem.

---

[11] O texto foi publicado em 1966, mas no Brasil sua divulgação se dá principalmente em meados dos anos 1970, influenciando muito as interpretações focadas no cotidiano.

[12] Segundo suas palavras "a sociologia do conhecimento foi considerada por seus protagonistas e em geral pelo público sociológico mais ou menos indiferente como uma espécie de glosa sociológica sobre a história das ideias. O resultado foi uma considerável miopia com relação à significação teórica potencial da sociologia do conhecimento." (Berger & Luckmann, 1973, p. 15). No Brasil, a reforma educacional de 1967 retirou essa disciplina do currículo do curso de ciências sociais, pois estudar a relação entre o conhecimento e seu contexto social não era considerado importante. Ainda, em 1968, os "velhos sociólogos" foram afastados de seus postos nas universidades... É curioso que muitos trabalhos dos anos 1990 sobre a história da sociologia no Brasil marcam o início real da reflexão sociológica entre nós em 1968.

Esse aspecto da análise social foi mobilizado por Edward Said em *Orientalismo* (2007 / 1978), texto que não somente acrescentou muito à análise social como permitiu que ficasse clara a discriminação contida na representação do Oriente elaborada pelo Ocidente. Declara sua dívida com Auerbach, principalmente em *Mimesis*, no qual o autor examina a representação da realidade na literatura ocidental. Assim, aceitando os princípios da literatura comparada, examina como diversos autores ocidentais representam o Oriente, mostrando que a visão generalizada afasta a possibilidade de examinar esse tema na sua diversidade e diferença. Porém, estende a análise dos autores, mostrando como se trata de uma consolidação político-cultural que passa a permear o senso comum.

O livro levantou polêmicas, diante de vários conflitos armados desde o decênio anterior, e sua intenção foi retomada pelo autor na edição de 2003.

> *Orientalismo* é, em grande medida, um livro ligado à dinâmica tumultuosa da história contemporânea. Assim sendo, enfatizo que nem o termo "Oriente" nem o conceito "Ocidente" têm estabilidade ontológica; ambos são constituídos de esforço humano – parte afirmação, parte identificação do outro. O fato de que essas rematadas ficções se prestem facilmente à manipulação e à organização das paixões coletivas nunca foi mais evidente do que em nosso tempo, quando a mobilização do medo, do ódio e do asco, bem como da presunção e da arrogância ressurgentes – boa parte disso relacionada ao islã e aos árabes de um lado, e a "nós", os ocidentais, do outro -, é um empreendimento em escala muito ampla (Said, 2007, p. 13).[13]

Desse modo avança na interpretação do momento contemporâneo à escritura, que mostra ser o *orientalismo* uma específica representação que apoia a intervenção política – no caso, a guerra contra os palestinos, em 1969. E no prefácio à edição de 2003 diz:

> Vinte e cinco anos depois da publicação de meu livro, *Orientalismo* mais uma vez suscita a questão de saber se algum dia o imperialismo moderno chegou ao fim, ou se ele se manteve no Oriente desde a entrada de Napoleão no Egito, dois séculos atrás (Said, 2007, p. 18).

[13] Escrevo este texto cinco dias após o discurso de Marco Rubio em Munique, que propõe a recolonização do sul global. Me faz pensar como a retomada do tema aprendizado social é importante neste momento.

Chamo a atenção para a atualidade dessa observação.

Voltando a Berger e Luckmann, lembro como a noção de representação poderia levar mais à frente o debate desses autores sobre o fazer-se da sociedade. Assinalo, porém, que sua proposta, centrada na recuperação do cotidiano, é inegavelmente importante, pois explora os efeitos sociais (e políticos!) do comportamento dos sujeitos. No entanto, carrega limites para uma pesquisa para a análise do aprendizado social, ao apoiar-se em afirmações desta ordem: "entre as múltiplas realidades há uma que se apresenta como sendo a realidade por excelência. É a realidade da vida cotidiana!" (Berger & Luckmann, 1973, p. 38). Assim, deduz que "a institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipo de atores. Dito de maneira diferente, qualquer uma dessas tipificações é uma instituição" (p. 79). Obviamente, trata-se de uma de noção de instituição que admite como fundamento a visão de que a sociedade se autorregula via interações sem dimensionar a procedência das normas que a regulam. Ou seja, desconhece a questão do poder, a presença de forças sociais diferentes que atuam ou como imposição de regras e/ou de submissão a elas. Portanto, o princípio de legitimação é invocado como básico do processo e não o controle que passa a ser configurado legalmente, deixando de lado uma questão fundamental: quem se beneficia com essa representação em cada momento da história. Na definição das duas formas de socialização – a primária e a secundária – é na segunda que o papel das instituições é fundamental; considerando o caráter desigual de acesso, uma vez que só parte da população pode se beneficiar, o papel institucional é marginalizado.

Sei que a abordagem do tema mereceria melhor aprofundamento, mas creio que, mesmo a partir da breve exposição, podemos assinalar como a proposta da sociologia fenomenológica fez com que as discussões sobre as estruturas sociais perdessem seu lugar em favor das interações cotidianas, em especial nas formulações dos anos 1970 e 1980, abandonando-se os grandes paradigmas teóricos como apoio para o estudo da sociedade contemporânea. O retorno à discussão do interacionismo simbólico inspirou importantes pesquisas sobre o exercício de poder nas relações cotidianas, dimensão insuperável para a compreensão da sociedade. No entanto, ficou sem resposta a indagação sobre o fazer-se da sociedade, pois a invocada construção da realidade não alcançou sua definição.

II. João Cabral de Melo Neto

Passo a mostrar como diferentes fases da socialização de João Cabral operaram na direção do aprendizado da igualdade, que se expressa em várias de suas obras voltadas à denúncia da desigualdade. Utilizo, para isso, os elementos teórico-metodológicos apontados na primeira parte deste texto. A recuperação de várias fases da vida desse autor tem como objetivo indagar como, em momentos diversos, sua obra sobre o Nordeste sensibilizou camadas distintas da população brasileira.[14] A partir dessa proposta, busco refletir como o repertório de ideias e de imagens afeta o modo pelo qual a sociedade se auto-observa, podendo assim se transformar, embora, como sugere Klaus Eder, seja difícil mudar.

Apoiando-me em propostas desse autor (Eder, 2001) procuro mostrar como a dinâmica reflexiva liga o produto simbólico do trabalho dos intelectuais e/ou dos artistas às mudanças de visão, de percepção daqueles problemas ou conflitos sociais que foram, ao longo do tempo, naturalizados. Em outros termos, como o desaprender é um momento do aprendizado social, na feliz expressão de André Botelho em seu memorial do concurso para titular da UFRJ. Assim, não somente a produção das ideias, mas a comunicação delas é eixo importante para a compreensão desse processo.

Sabemos, pela própria experiência, que os membros da sociedade apreendem de várias formas as situações de desigualdade social. Certamente, há aqueles que as consideram como um dado da natureza e as percebem como naturais. Assim, aceitam como princípio a ideia de que os homens são *essencialmente desiguais* e sustentam serem "desiguais em seus dotes naturais e habilidades e desiguais até o mais profundo cerne de seus seres" (Mannheim, 1986, p. 119) Outros a veem a partir de fatores que se justificam: pela capacidade biológica inata, como a raça ou traços fisicamente originários. Assim, ambos desconhecem as diferenças de acesso a bens sociais, econômicos, políticos, culturais e afirmam que a incompetência é originária e não gerada pela *não igualdade de condições de existência social*.[15] A percepção clara dessas limitadas condições é enfrentada por

[14] Declaro minha dívida com Ivan Marques, que reconstituiu em seu livro *João Cabral de Melo Neto, uma biografia* (2021), com acurada pesquisa e muita competência, a vida do escritor, colocando os momentos abordados sempre relacionados às interrelações sociais em causa. Trata-se de excelente lição sobre como pesquisar/escrever uma biografia.

[15] Tive oportunidade de discutir como essa questão é abordada na sociologia desenvolvida no Brasil em Bastos, 2025.

Cabral em várias de suas obras: destaco entre elas *O cão sem plumas* (1950), *O rio* (1954) e *Morte e vida severina* (1955). Neste artigo, limito-me à análise dos dois primeiros poemas cuja divulgação se dá prioritariamente entre os leitores interessados pela produção poética. Enquanto a terceira, sendo uma peça de teatro, pode ganhar uma divulgação mais ampla atingindo público bem diferenciado.

Membro de família tradicional de Pernambuco, João Cabral (1920-1999) nasceu e viveu infância e mocidade na zona da mata pernambucana, grande parte dela em engenhos próximos à capital do estado. O sentido patriarcal da chamada "nobreza da terra" está marcado desde seu nascimento. Seu avô materno, Virgínio Marques Carneiro Leão, advogado com importante escritório no Recife, professor da Faculdade de Direito do Recife, deputado federal entre 1906-1908, exigia que todos os netos nascessem em sua casa na Jaqueira, onde também eram comemorados os grandes eventos da família. Morando no engenho Poço do Aleixo, sua mãe se deslocou à casa do pai para seu nascimento, segundo a tradição familiar. Ivan Marques conta que o escritor "envaidecia-se de ter nascido num meio de gente que pensava e atuava [...] tinha orgulho de estar enraizado numa família cuja história se confundia com a própria civilização do açúcar" (Marques, 2021, p. 25). Sua parentela constituía-se de senhores de engenho, militares, magistrados, políticos, advogados e escritores. Essas relações atuaram fortemente na construção de sua identidade.

João Cabral de Melo Neto passou a infância em três engenhos banguês,[16] na zona da mata próximos do Recife – Poço do Aleixo, Pacoval e Dois irmãos – lembrança que se traduz em alguns de seus poemas – *Menino de engenho* e *Menino de três engenhos*, nos quais se percebe como a captação da experiência de vida se expressa em sua obra. Aí seus únicos companheiros de brincadeiras eram seu irmão e primos, pois não consta que tivera proximidade com os filhos dos trabalhadores. Os papéis sociais a que tinha acesso eram os desempenhados pelos adultos, pois também não frequentou a escola a não ser quando se mudou ao Recife. Aprendeu a ler muito cedo com professores particulares o que lhe proporcionou outro tipo de interação não programada pela família, com os trabalhadores do engenho, os cassacos.

No engenho Pacoval, que em seu poema dizia ser o predileto, os empregados pediam ao menino que lesse para eles os folhetos de cordel

[16] Engenhos de fogo morto, que não moem mais a cana produzida, vendendo-a para as usinas.

que compravam na feira do domingo, pois eram analfabetos. Como conta o escritor em seu poema *Descoberta da literatura*.

No dia-a-dia do engenho,

toda a semana, durante
cochichavam-me em segredo:,
saiu um novo romance.
E da feira do domingo
me traziam conspirantes
para que os lesse e explicasse
um romance de barbante.
Sentados na roda morta
de um carro de boi, sem jante,
ouviam o folheto guenzo,
a seu leitor semelhante,
com as peripécias de espanto
preditas pelos feirantes.
Embora as coisas contadas
e todo o mirabolante,
em nada ou pouco variassem
nos crimes, no amor, nos lances,
e soassem como sabidas
de outros folhetos migrantes,
a tensão era tão densa,
subia tão alarmante,
que o leitor que lia aquilo
como puro alto-falante,
e, sem querer, imantara
todos ali, circunstantes,
receava que confundissem
o de perto com o distante,
o ali com o espaço mágico,
seu franzino com o gigante,
e que o acabassem tomando
pelo autor imaginante
ou tivesse que afrontar
as brabezas do brigante.
(E acabaria, não fossem
contar tudo à Casa-Grande:
na moita morta do engenho,
um filho-engenho, perante

cassacos do eito e de tudo,
se estava dando ao desplante
de ler letra analfabeta
de corumbá, no caçanje17
próprio dos cegos de feira,
muitas vezes meliantes)

(Melo Neto, 1994, p. 447-478).

O poema, no estilo enxuto que caracteriza João Cabral, relembra a métrica do cordel, um romance de barbante (guenzo/fino) e o leitor magrinho. Expõe claramente as relações entre os trabalhadores e o menino, como dos corumbás com a casa-grande. Ainda, o controle sobre a interação, que invoca a assimetria das condições e da "qualidade" da literatura. Mais, o medo do leitor, temendo que os analfabetos confundam fantasia e realidade, que embora questionando as regras de classe já tem internalizada a visão de inferioridade cultural.[18] Conforme lembra Ivan Marques,

> A superioridade de quem domina as letras, realçada pela posição do garoto na roda; a necessidade de não apenas ler, mas explicar as narrativas; a tensão e o deslocamento experimentados durante o ritual; tudo isso punha em evidência a distância social e cultural que separava João dos trabalhadores (Marques, 2021, p. 36).

A experiência não só lhe proporcionou a abertura para uma "outra" literatura, o conhecimento de outras palavras e narração, como abriu espaço para a semente de aprendizado da assimetria das relações sociais e dos obstáculos levantados à superação da situação. Um novo aprendizado que terá desdobramentos com a passagem do tempo, pois o poema é escrito em um momento crítico[19] que aborda a função de linguagem capaz de dar conta do concreto.

Aos 10 anos de João, a família mudou-se definitivamente para o Recife, pois seu pai, Luiz Antonio Cabral de Mello, com a reviravolta política

---

[17] No poema caçanje tem sentido de português mal falado, trata-se de dialeto português em Angola.

[18] Sei que o poema foi escrito muitos anos depois ao fato narrado e que a visão crítica do autor já se instaurara, mas o utilizo como se fizesse parte de uma "história de vida" como é sugerida pela sociologia fenomenológica.

[19] *Descoberta da Literatura* faz parte do livro *A Escola das Facas*, que reúne poemas escritos entre 1975-1980.

dos anos 1930 teve assaltado e parcialmente destruído seu engenho Dois Irmãos, onde a família vivia grande parte do tempo. Começa nova fase na vida de João com a matrícula na escola dos irmãos maristas. Outra fase, pois agora a interrelação compreenderá jovens fora da família e, certamente, com valores diferenciados. Nesse novo ambiente, sentia-se deslocado: "João era bom aluno, mas detestava o colégio. Quando estava entre os colegas, sentia-se inferiorizado. Em todas as classes, era sempre o menor e o mais novo" (Marques, 2021, p. 42). Sua primeira aproximação foi com aqueles amantes de futebol, os que tiravam as notas mais baixas nas disciplinas. Mas, na escola aprendeu inglês e francês, o que lhe abriu maior espaço para aproximar-se primeiramente da literatura estimulada pela família, mais tarde bastante ampliada. Muito jovem ainda, lera, na biblioteca do pai, que também continha livros em francês, Eça de Queirós, Euclides da Cunha, José Lins do Rêgo. Ao concluir o secundário não quis candidatar-se a cursos na universidade, mas continuou a investir em sua formação intelectual. Mesmo dedicando parte do horário a emprego remunerado, lia bastante sobre crítica literária, passando a conhecer escritores modernistas e a se interessar por poesia contemporânea. Foi esse novo conhecimento que o fez aproximar-se da roda literária que se reunia no Café Lafayette.

O líder desse grupo era Willy Lewin e contava com a participação de Breno Accioly, Lêdo Ivo, Antonio Rangel Bandeira, Benedito Coutinho, Otávio Freitas Júnior, todos muito jovens, mas também com o pintor já consagrado Vicente do Rego Monteiro, que voltara da França. João Cabral tinha 17 anos. A participação nessa roda abriu-lhe horizontes novos e levou-o a ler e iniciar a escritura de poesia, além de proporcionar um outro tipo de inteiração. O mestre, atualizado com a literatura francesa e inglesa, levou-o a ler "no original poetas como Mallarmé, Rimbaud, Valery, Apollinaire, Paul Claudel e Pierre Reverdy (Marques, 2021, p. 59).

João interessava-se pela crítica literária, pretendendo dedicar-se a essa área, mas logo percebeu que sua pouca idade limitava a abordagem da ampla temática. Assim, como os companheiros do grupo dedicavam-se à poesia, passou a escrever poemas. Parte deles foram publicados em seu primeiro livro, *Pedra do sono*, 1942. Embora seus primeiros versos, bastante herméticos e introspectivos, não correspondam ao perfil original que sua poesia comportará, lembro uma passagem que já mostra como percebe que as mudanças da sociedade atingem os indivíduos. "Todas as transformações/todos os imprevistos/se davam sem meu consentimento." (Melo Neto, 1994, p. 43) Essa nova experiência abriu espaço a que se

interessasse pela transferência em 1942 ao Rio de Janeiro, cidade que visitara em 1940, ocasião em que tivera oportunidade de conhecer escritores, entre os quais Carlos Drumond de Andrade.

No período entre 1942 e 1945 escreve os poemas que comporão o livro *O engenheiro*. O cenário político de final da segunda guerra além dos últimos anos do Estado Novo levou a que

> [o] ambiente literário [vivesse] uma fase movimentada, com farta publicação de suplementos, estreito convívio entre escritores e estreias importantes em diversos setores, tanto na poesia como na prosa e no teatro. João Cabral circulava por quase todas as rodas (Marques, 2021, p. 93).

Um ano depois de sua publicação, *Pedra do sono* foi abordado em artigo de Antonio Candido, "Poesia ao Norte", na coluna "Notas de Crítica Literária", na *Folha da Manhã*, em 1943. O crítico paulista, considerou o livro como a grande revelação na poesia da "geração novíssima", destacando a valorização plástica das palavras e seu caráter construtivista. "Não o chamo, porém, de cubista, porque ele não é só isso. O seu cubismo de construção é sobrevoado por um senso surrealista da poesia", assinalando seu hermetismo que leva a despoetizar demais suas poesias (Candido, 1943, *apud* Marques, 2021, p. 88). No entanto, é fácil compreender que as poesias escritas no período expressam as restrições impostas pelo contexto, pois a ditadura do Estado Novo vetava o questionamento dos problemas sociais, em especial aqueles referidos à desigualdade estrutural. A importância do crítico e a ampla circulação do jornal ampliaram a repercussão da obra de Cabral e o conciliaram com sua escolha pelo construtivismo, marca definitiva de sua poesia.

O objetivo principal de João Cabral em sua permanência no Rio foi a participação no concurso do Itamaraty. No entanto, por causa da guerra, os exames só começaram em 1944.

> Enquanto aguardava, acabou sendo aprovado em outro e, em julho de 1943, passou a trabalhar como assistente de seleção no Departamento Administrativo de Serviço Público (Dasp), que controlava todos os exames e concursos. Ali conheceria Stella, a futura esposa (Marques, 2021, p. 86).

Tendo sido aprovado e nomeado no final de 1945, esperou até 1947 para ser indicado a seu primeiro posto.

Barcelona

Seu primeiro posto no exterior, como vice-cônsul, foi em Barcelona, aonde chegou em março de 1947. A experiência espanhola marcou muito sua vida e obra, mas creio que há uma forte diferença na experiência vivenciada entre as duas cidades em que residiu, ou seja, o convívio intelectual em Barcelona e o popular em Sevilha. São dois momentos bastante diversos em termos de interações. Parece-me que, se considerarmos sua obra poética, o aprendizado catalão atuou sobre a forma e o sentido, enquanto o andaluz se expressa na configuração/deleite com a paisagem e os personagens. Para verificar esses dois traços, passo, primeiramente, a falar do período entre 1947 e 1950, primeiro período vivido na Espanha.

Os contrastes da cidade, a influência romana ao lado da urbanização e arquitetura modernistas o encantou, mas o anarquismo da população catalã e de seus artistas mais conhecidos, Picasso e Dali, chamou mais sua atenção. Dois meses depois da chegada, já instalado em sua residência, começou a pesquisar sobre os artistas e intelectuais ali presentes, que tinham suas atividades restritas pelo franquismo. Sua situação como diplomata lhe conferia um escudo contra a repressão, assim pode aproximar-se primeiramente do poeta Joan Brossa, tendo escrito prefácio publicado na plaquete *Em va fer Joan Brossa* ("Joan Brossa fez-me", em tradução livre), lançada em 1951. Nesse texto, teoriza sobre o realismo e a prática poética. Lembra ao poeta catalão a importância de uma poesia voltada ao *realismo social*. Esse texto é importante para assinalar o diálogo de Cabral com o grupo e a influência dos princípios que orientam sua visão de arte. Ainda, para a compreensão de sua nova concepção estética. No livro *Paisagens com figuras*, dedica ao amigo o poema "Fábula de Joan Brossa". O poeta o levou a conhecer outros artistas de vanguarda, Ponç, Tapies e Cuixart, que sempre reconheceram a importância de suas conversas com João Cabral. Este fala sobre essa etapa lembrando a proximidade com artistas e intelectuais. "Mas isso tudo foi em Barcelona. Em Sevilha não tive contato com intelectuais, aliás, não havia muitos intelectuais lá…Vivia mais, vivendo a cidade" (Melo Neto & Abrantes, 2009).[20]

[20] O roteirista e diretor do documentário *Recife/Sevilha - João Cabral de Melo Neto* (2003), Bebeto Abrantes, entrevistou o poeta em cinco encontros realizados no Rio de Janeiro em 1999 com a colaboração de Belisário Franca, Luis Antonio Silveira e Mônica Moreira.

Os artistas mencionados compunham o grupo que participou da fundação, por Arnau Puig, em 1948, da revista *Dau al Set* (A Sétima Face do Dado, em tradução livre) onde foram publicados poemas de João Cabral e seu ensaio sobre esses pintores. Também o aproximaram do pintor Miró, de quem se tornou amigo e recebeu influência definitiva para o realismo/concretismo de sua poesia. Seu livro *Joan Miró*, publicado em 1950 por Ediciones de L'Oc, fixam os princípios que fundamentam a obra do pintor catalão e, ao mesmo tempo. expressam as direções que serão reconhecidas na obra poética de Cabral (Melo Neto, 2018).

Nesse texto, o centro da argumentação de Cabral se encontra na comparação da pintura renascentista, marcada pela terceira dimensão, e a de Miró que se expressa no plano. Não se trata somente de uma observação sobre a técnica, mas como os dois pontos de vista afetam o olhar do observador. Primeiramente, mostra como a perspectiva de origem renascentista estabelece pontos centrais que condicionam a visão, predeterminando "a utilidade da representação [...] anulando a existência do dinâmico", submetendo o espectador a certas convenções, privando-o de usar livremente sua atenção. Assinala que o abandono do perspectivismo abre um espaço dinâmico em que a percepção não se detém nas fronteiras do estático. Portanto, amplia a noção de criatividade, que não se restringe ao pintor, mas incorpora a percepção daquele que olha, percebe a imagem. Em seguida mostra a forma pela qual ambos os caminhos utilizam o espaço, definindo os limites da superfície, entre elas a utilização ou não da moldura. Esta definiria o campo da percepção, sua ausência abre a várias representações possíveis.[21]

Avanço lembrando que o abandono do perspectivismo permite que o nível de socialização do sujeito que aprecia o quadro, de um lado, condicione sua percepção, de outro, permita um novo aprendizado que supõe o abandono de uma visão naturalizada. Em outros termos, coloca a pergunta importante para a indagação sobre o aprendizado social: qual o *efeito da prática* utilizada pelo pintor na constituição do comportamento do observador? Não mais a dedução, mas a inferência. Um outro modo do fazer-se da sociedade. Mais ainda, indica que existe algo além do aparente, uma sétima face do dado.

Ao traçar os princípios que ancoram a obra de Miró, Cabral define também o que considera essencial para o novo perfil da pintura contemporânea

[21] Chama a atenção o sentido da abertura das fronteiras, permitindo a presença da representação daquela imagem no quadro mais geral da sociedade, aspecto importante de sua obra poética.

adequada ao novo aspecto do mundo que se desenha. Mais do que a pintura, da arte e seu novo papel no mundo em que novas interações culturais se redesenham a partir dos anos 1950.

Nessa análise, aponta os pontos constituintes do processo de criação de Miró: seu construtivismo; abandono da hierarquização dos elementos que compõem o quadro, porém mantendo o equilíbrio; energia alcançada por imagens simples; liberdade diante das normas; formas simples "tão limitadas como vocabulário, como literatura"; pureza na composição "limpando o olho do visto e a mão do automático"; valorização do fazer e do experimentalismo; luta contra o instintivo; revelar o fundo do homem sob a crosta de hábitos sociais adquiridos; superar o automatismo psíquico; renovação formal; despojamento; julgamento permanente; criação como invenção e não como descoberta. Trata-se de uma visão sobre o que é arte, não formulada por Miró, mas por João Cabral, que a extrai da obra do pintor. No PS, o autor acrescenta que é a captação da realidade, não absoluta, mas atravessada pela representação, ponto importantíssimo na análise sociológica, pois uma das formas pelas quais se percebe o fazer-se da sociedade.

Vários artistas catalães daquele momento falam da importância de sua convivência com Cabral. Exemplifico com depoimento de Antoni Tàpies.

> Foi muito interessante conhecer João, porque isso se deu em um momento em que havia muita discussão em torno de poesia e arte. Questionava-se muito se os poetas e os pintores deviam fazer um trabalho social e político. As opiniões de Cabral eram muito acertadas [...] para mim foi como um modelo. [...] Mas foi importante sobretudo porque nos dava a oportunidade de ir à sua casa para, em plena ditadura, discutir diversos temas, inclusive a situação política da Espanha. (Tàpies & Abrantes, 2012).

Cabral acentua como o fato de ser diplomata lhe confere liberdade que é negada aos espanhóis durante a ditadura franquista.

> Eles não tinham contato com o mundo exterior porque a censura não deixava. Eles não conheciam muito da poesia espanhola feita no exílio; conheceram porque eu mostrei, porque dei os livros. Rafael Alberti e outros, como Luis Cernuda. Franco não deixava vender o livro desse pessoal (Melo Neto & Abrantes, 2009).

Voltando a meu tema, Cabral, nesse processo, passa a uma nova fase da socialização, não assentada no senso comum, mas apoiada em ideias, portanto reflexiva. Aqui também se dá uma passagem importante de sua produção poética, que coloca Pernambuco como cenário. Ouso dizer que não se trata de aproximação a características geográficas, várias vezes invocada pelos críticos, pois a seca não afetava a região catalã, mas de ênfase comum entre o poeta e os artistas catalães sobre o realismo social, conforme recomendara a Brossa. Seu poema "O cão sem plumas", escrito entre 1949-1950, período em que estava em Barcelona, é um novo passo nessa direção.

Considero que a convivência com os intelectuais e artistas catalães pode ser vista como um novo passo na socialização, em que o cenário geral do debate se torna elemento importante para a mudança temática e formal da poesia de João Cabral. Podemos constatar esses aspectos com esse poema do qual apresento alguns versos.

(É nelas,
Mas de costas para o rio
que "as grandes famílias espirituais" da cidade
chocam os ovos gordos
de sua prosa.
Na paz redonda das cozinhas,
Ei-las revolver viciosamente
seus caldeirões
de preguiça viscosa.)

[...]

Entre a paisagem
(fluía)
de homens plantados na lama;
de casas de lama
plantadas em ilhas
coaguladas na lama;
paisagem de anfíbios
de lama e lama.

Como o rio
aqueles homens
são como cães sem plumas

(um cão sem plumas
é mais
que um cão saqueado;
é mais
que um cão assassinado

Um cão sem plumas
é quando uma árvore sem voz.
É quando de um pássaro
suas raízes no ar.
É quando a alguma coisa
roem tão fundo
até o que não tem).

(Melo Neto, 1994, p. 108)

É bastante curioso o fato de que vários críticos o acusaram de fuga da realidade com a utilização da palavra plumas, pois o cão não poderia perdê-las, pois nunca as tivera. Creio que foi um choque resultante da utilização daqueles princípios de construção poética apoiados em Miró. O sentido dessa utilização é, a meu ver, mostrar que a ausência é tão profunda que sequer a possibilidade de o rio no sertão conhecer outra água que não a sua e assim tê-la substituída por lama. Representa a extrema situação social em que além da ausência sequer a possibilidade de presença de outro modo de vida é cogitada, atingindo não apenas o rio, mas os homens. Novamente, a sétima face do dado.

Permaneceu em Barcelona até setembro de 1950, quando foi transferido para Londres onde fica até 1952.

Em 1952 Cabral foi repatriado, pois o Itamaraty instalara em julho uma comissão de inquérito, porque A Tribuna de Imprensa publicara no mês anterior reportagem com o título "Traidores no Itamaraty" acusando a existência de "infiltração comunista" envolvendo diplomatas, entre os quais João.[22] Em 20 de março de 1953 foi, ao lado de outros diplomatas, colocado em disponibilidade inativa, sem remuneração. Em situação financeira difícil, o poeta teve que aceitar várias incumbências remuneradas fazendo traduções, dando palestras, escrevendo artigos sem, no entanto, deixar de escrever poesia. É desse ano seu poema *O rio* que recebeu em 1954 o Prêmio José de Anchieta de poesia, do IV Centenário de São Paulo, atribuído pela comissão formada por Carlos Drummond, Antonio Candido e Paulo Mendes de Almeida.

[22] Ver exposição da questão em Marques (2021, pp.194 e seg.).

O poema mostra que Cabral assumira o novo rumo iniciado em "O cão sem plumas," com um aprofundamento em relação à temática, à voz do narrador, à forma requintada. O subtítulo, "relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife", e a epígrafe, "*Quiero que compongamos io e tú una prosa*",[23] já antecipam a tomada de posição do autor em relação à desigualdade. Aqui se inicia um dos aspectos importantes da obra poética de Cabral ao buscar a concretude da situação narrada por meio de voz externa, como o fará, por exemplo, em "Dois parlamentos" (1958- 1960), em que as vozes são de um senador paulista – "Congresso no polígono das secas" – e de um deputado com sotaque nordestino – "Festa na Casa-grande." São relatos (relação no subtítulo) e não interpretações, pois o rio descreve e cabe ao leitor a percepção do sentido, como o autor já adiantara em seu livro sobre Miró. A epígrafe de Berceo indica a presença de construção apoiada na literatura primitiva espanhola com emprego do verso popular. A história de Pernambuco, narrada pelo Capibaribe, assenta-se na desigualdade, primeiro entre as zonas, agreste e mata, também na ação dos usineiros que abarcam tanto as terras dos engenhos como aquelas dos homens que amassam "com seu sangue/ os ossos duros desta terra". Essa história também é constituída pelas diferentes visões sobre a região, Cícero Dias, Manuel Bandeira, Joaquim Cardoso e, o não citado, mas criticamente lembrado, Gilberto Freyre. Deste, diretamente são apontados os célebres Guias de Recife e Olinda, e, indiretamente sua exaltação dos mocambos, em seu livro *Sobrados e mucambos*.

Casas de lama negra
Há plantadas por essas ilhas
(na enchente da maré
elas navegam como ilhas);
casas de lama negra
daquela cidade anfíbia
que existe por debaixo
do Recife contado em Guias.

(Melo Neto, 1994, p. 138)

[23] A epígrafe de Gonzalo de Berceo, poeta medieval, século XIII, considerado o primeiro poeta espanhol a ser conhecido pelo nome, era monge e dedicou-se a escrever sobre a vida religiosa. São conhecidos muitos textos poéticos sobre a vida de santos católicos, escritos em linguagem popular. Sua poesia, escrita em castelhano apresenta construção simples, mas considerada acolhedora.

Exemplar dessa desigualdade é a condição dos retirantes que, destituídos, chegam ao Recife como o rio e são invisíveis na história oficial de Pernambuco.

> Tudo que encontrei
> na minha longa descida,
> montanhas, povoados,
> caieiras, viveiros, olarias,
> mesmo esses pés de cana
> que tão iguais me pareciam,
> tudo leva um nome
> em que poder ser conhecido.
> A não ser esta gente
> que pelos mangues habita:
> eles são gente apenas
> sem nenhum nome que as distinga;
> que os distinga da morte
> que aqui é anônima e seguida.
> São como ondas do mar,
> uma só onda, e sucessiva.
>
> (Melo Neto, 1994, p.141)

Retomo a questão das diferentes vozes acima citada, pois creio ser dado importante sobre a passagem do autor do nível de aprendizagem social para a expressão do aprendizado social, ou seja, da compreensão das situações de vivência social para o patamar da estruturação social, da edificação da sociedade. Alfredo Bosi, no texto "Fora sem dentro", analisa "Festa na Casa-Grande" cujo subtítulo indica a voz do deputado nordestino falando do cassaco, mostra que diferentemente dos poemas anteriores, neste "o uso de figuras intensas e isoladas e de linhas melódicas breves obedece a uma poética de superfície". Afirma que "esses procedimentos não valem por si mesmos de um modo absoluto", e sim a presença de um lado exterior, pois não havendo perspectiva definida "a voz assume o papel de doador de sentido".

> O título e o subtítulo prefixam, como em uma partitura musical, o ritmo, o tom e o timbre a serem dados à leitura desta festa na casa-grande: ritmo deputado; sotaque nordestino. Nessas notações prévias, mas não exteriores, registra-se a chave crítica do poema. O leitor é

> posto de sobreaviso, alertado para que não se fie na autenticidade dos políticos que falam à distância, mas presumem conhecer a fundo o pobre nordestino (Bosi, 2004, p 196).

A figura do cassaco é apresentada nas suas diversas situações – criança, mulher, velho – mas sempre destituída de sua humanidade, "de longe é como gente/ de perto é que se vê/ o que há de diferente." Ou ainda, "de longe é de osso e carne, / de perto é que se vê/ que de outra qualidade."

Antonio Carlos Secchin ressalta a importância desse livro na trajetória do autor.

> *Dois parlamentos* (1960), [...] é livro de particular importância na obra de João Cabral, pois representa o (até agora) fecho de uma vertente praticada desde *O cão sem plumas*: a do poema longo sobre temática social. Por "temática social" entendemos não a mera referência a um contexto que abarque a coletividade; a isso acrescentaríamos a problematização das relações que coordenam (e subordinam) o viver comunitário (Secchin, 2020, p. 205).

Mostra que em "Congresso no Polígono das Secas" um elemento já presente em poemas anteriores se apresenta com sentido novo – a terra – abordada por uma voz externa, do senador com sotaque sulista. Em entrevista, o crítico lembra que Cabral considerava desnecessário "tomar partido" de modo explícito; bastava "dar a ver" o real, que se autodenunciava em sua injusta e escandalosa precariedade. Por isso o uso da voz externa.

No entanto, creio que a dimensão central do procedimento do poeta não está, como aponta o crítico, na fixação do viver comunitário. É certo que sobre este se assenta a voz do senador sulista, representada pelo diálogo entre iguais, para o qual somos alertados pelos travessões incluídos no poema depois do ponto final de cada frase. Considero que o sentido vai além, mesmo se representado, como aponta o crítico, "através de uma visão sempre desconfiada das representações convencionais do real [...] através da desconfiança de que as palavras, muitas vezes, quando fingem mostrar alguma coisa, a estão escondendo" (Wolfart, 2009, s.p.). O sentido fixa-se, a meu ver, na percepção do lugar social daqueles que falam e dos que são descritos, isto é, sua posição na estrutura social representada pelo peso diferente das forças sociais que "oficializam" as narrativas. Aqui teríamos o grande passo ao aprendizado social, e a desconfiança do poeta representaria

a visão de que só a denúncia não garante a mudança. Assim, podemos dizer que a utilização das vozes externas, não apenas sugeridas, mas declaradas por Cabral, expressam a compreensão da presença da distribuição desigual do poder entre os atores sociais.

É importante assinalar o contexto social e político do momento da publicação do livro, 1961, primeiramente em Madrid, em edição de 200 exemplares. Vários elementos estão presentes na crise política ocorrida nesse ano no Brasil, caracterizada por uma intervenção que já anunciava o golpe de 1964. A renúncia do presidente Jânio Quadros, foi o momento desencadeador do processo, que levou a uma tentativa, principalmente dos ministros militares, de vetar a posse constitucionalmente legítima, do vice-presidente João Goulart, acusando-o de "ameaça comunista". O peso da campanha popular levou ao cumprimento da lei, mas com uma forte intervenção que limitava seus poderes via sistema parlamentarista. As associações e os movimentos sociais que denunciavam a ausência de legislação do trabalho rural e a concentração de terras ganharam forte visibilidade com a preparação do Congresso de Camponeses a ser realizado em novembro desse ano. A mudança da legislação que possibilitasse a extensão da CLT aos trabalhadores do campo e a reforma agrária mobilizavam a opinião pública. Está clara, nesse momento, a polarização entre setores que aceitam a necessidade da reforma agrária que levasse em conta a concentração da propriedade e aqueles que consideram que a propriedade é intocável. Deixo para o próximo artigo a exploração desse aspecto. Porém, volto ao lugar de *Dois Parlamentos* nesse cenário. Os dois parlamentos. Senado e Câmara, falam via seus representantes (nos dois poemas o uso dos travessões é utilizado) e representam a *polarização*, através do tom de desconfiança do poeta. Portanto, a meu ver, como já afirmei, mostram a visão polarizada da sociedade, ou seja, uma representação do aprendizado social e, ao contrário do que afirma Secchin, Cabral "toma partido", conforme se verá em *Morte e vida severina*, que retomara o sentido presente nos pastoris pernambucanos anteriores, transferindo ao presente de seu tempo o episódio do nascimento de Cristo. A necessidade de mobilização não apenas das diferentes formas de apresentação – teatro, séries de TV, cinema – o alcance de sua divulgação, o contexto social e político de oferecimento da peça, a diferenciada recepção nos diferentes momentos estão além da proposta geral deste artigo.

Referências

Auerbach, Erich. (1976). *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental* (2. ed.). Perspectiva.

Bastos, Elide Rugai. (2025). *A máquina das desigualdades. Florestan Fernandes interpreta o Brasil*. Vozes.

Bosi, Alfredo. (2004). Fora sem dentro? Em torno de um poema de João Cabral de Melo Neto. *Estudos Avançados, 18*(50), 195–207. https://revistas.usp.br/eav/es/article/view/9981

Brossa, Joan. (1951). *Em va fer Joan Brossa*. Cobalto.

Berger, Peter. L., & Luckmann, Thomas. (1973). *La Construcción social de la realidade*. Amorrortu Editores.

Botelho, André P., & Pereira, Alexandre de B. (2025). Aprendizado social e *performances*: deslocamentos da mudança social na teoria contemporânea. *Revista Brasileira de Sociologia, 13*, e-rbs.1084. https://doi.org/10.20336/rbs.1084

Candido, Antonio. (1943). *"Poesia do Norte", Notas de Crítica Literária*. Folha da Manhã.

Cooley, Charles H. (1902. *Human nature and the social order*. C. Scribner's sons.

Durkheim, Émile. (2019). *A divisão social do trabalho*. WMF Martins Fontes.

Durkheim, Émile. (2011). *Educação e Sociologia*. Vozes.

Durkheim, Émile. (2002). Détermination du fait moral. *Bulletin de la Société française de Philosophie*. [Excerto das teses apresentadas por Durkheim aos membros da Sociedade Francesa de Sociologia, em sessão de 11 de fevereiro de 1906. Edição eletrônica preparada por Jean-Marie Tremblay.

Durkheim, Émile. (1996). *As formas elementares da vida religiosa*. Martins fontes. Publicado originalmente em 1912.

Durkheim, Émile. (1984). *As regras do método sociológico*. Companhia Editora Nacional.

Durkheim, Émile. (1977). *O suicídio*. Presença.

Eder, Klaus. (2001). As sociedades aprendem, mas o mundo é difícil de mudar. *Lua Nova*, (53), 5–29. https://doi.org/10.1590/S0102-64452001000200002

Habermas, Jürgen. (1987). *Teoria de la acción comunicativa*. Taurus.

Hughes, Stuart. (1972). *Consciencia y sociedad* (L. E. Bareño, Trad.). Aguilar.

Husserl, Edmund. (2014). *Investigações lógicas: prolegômenos para uma lógica pura*. Editora Forense Universitária.

Mannheim, Karl. (1972). *Ideologia e utopia* (2. ed.). Zahar.

Mannhein, Karl. (1986). O pensamento conservador. *In:* J. de S. Martins (org.). I*ntrodução Crítica à Sociologia Rural* (pp. 77-131). Hucitec.

Mann, Thomas (2016). *A montanha mágica*. Companhia das Letras. Publicado originalmente em 1924.

Mann, Thomas. (1984). *Doutor Fausto*. Nova Fronteira. Publicado originalmente em 1947.

Marques, Ivan. (2021). *João Cabral de Melo Neto uma biografia*. Todavia.

Mead, George H. (1967). *Mind, self and society* (C. Morris, org.). Chicago Editorial.

Merleau-Ponty, Maurice. (1999). *Fenomenologia da percepção*. Martins Fontes.

Melo Neto, João Cabral de. (1994). *Obra completa*. (M. de Oliveira & J. C. Melo Neto, orgs.). Nova Aguilar.

Melo Neto, João Cabral de. (2018). *Joan Miró* (V. Lamego, org.). Verso Brasil.

Melo Neto, João Cabral de, & Abrantes, Bebeto. (2009). Conversas com o poeta João Cabral de Melo Neto. *Sibila: Revista de poesia e cultura, 9*(13).

Said, Edward W. (2007). *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. Companhia das Letras.

Secchin, Antonio Carlos. (2020, 9 jan.). *Antonio Carlos Secchin fala sobre legado de João Cabral de Melo Neto*. Entretê. https://www.terra.com.br/diversao/antonio-carlos-secchin-fala-sobre-legado-de-joao-cabral-de-melo-neto,3debb482103fe7b07e9f9778175b4d31hf4jyy15.html

Schutz, Alfred. (1979). *Fenomenologia e relações sociais* (H. Wagner, org.). Zahar.

Tàpies, Antoni, & Abrantes, Bebeto. (2012, 8 fev.). *Depoimento inédito de Antoni Tàpies*. Sibila. https://sibila.com.br/cultura/depoimento-inedito-de-antoni-tapies/5061

Wolfart, Graziela. (2009, 5 out.). Um poeta sempre alerta às armadilhas da palavra [Entrevista com Antonio Carlos Secchin]. *Humanitas*, (310). https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2848-antonio-carlos-secchin

Recebido: 12 maio 2026.
Aceito: 9 out 2026.

Licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0